

Mal-educados estragam parque

Enquanto a higiene mental é cultuada, a higiene ambiental não passa pela cabeça de alguns frequentadores do parque. Cuidar dos 4,2 milhões de metros quadrados com dinheiro, material e mão-de-obra escassos exige no mínimo boa vontade. “Nossos dois maiores desafios são a natureza, que exige cuidados constantes, e a depredação e sujeira que as pessoas fazem”, diz Adriana Marques Ferreira, coordenadora de eventos da administração do parque.

A cada duas semanas recolhem-se 500 sacos de 100 litros de lixo, fora o das lixeiras pequenas. A cada final de semana, são 70 tambores lotados. “E ainda temos de recolher o lixo que jogam no chão das áreas com churrasqueiras. Parece que fazem questão de não usar os tambores”, diz o encarregado do serviço de manutenção, João Luiz Oliveira Lobão.

São 60 pessoas fazendo a limpeza de todo o parque. Um dos funcionários recolhe em bicicleta o conteúdo das lixeiras pequenas — gasta dois dias fazendo isso. A cada 500 metros existe uma delas, e o espaço entre uma e outra está sempre sujo por descaso dos usuários. Os cocos e canudos plásticos são os piores inimigos da turma da faxina.

REFORMAS

Parte do equipamento de recreação dos sete parques infantis precisa de reformas. O Parque Ana Lúcia, o maior e mais conhecido, vai receber retoques. O trabalho começou pela troca da areia. O castelinho próximo ao estacionamento 11 foi pintado e limpo recentemente; o parque lateral vai ter a areia trocada também. O espaço pode ser reservado para festas. É de graça.

“A população que cultiva amor pelo parque é muito pequena”, lamenta Adriana Ferreira ao comentar a depredação dos equipamentos. A administração estuda formas de parcerias para manter esses espaços.

Um bom exemplo disso é o que ocorreu com as quadras de tênis. O professor Nonato Lopes, 37 anos, há quase três anos fez um acordo de uso das quadras para aulas particulares. Em troca reformou e mantém o espaço. “Retorno ainda não deu”, queixa-se Nonato.

A piscina com ondas e o pesque-parque, áreas para exploração comercial, estão desativados e vão ser licitados. Quem quiser a concessão da piscina vai ter que transformá-la num parque aquático.

Além do abandono de áreas recreativas, os visitantes reclamam da falta de informações sobre a flora local. A professora Viviane Oliveira, 27 anos, sempre acompanha alunos do Colégio Valparaíso em visitas e sugere: “Devia ter uma equipe que indicasse os nomes e origem de cada espécie, ou pelo menos placas”. Difícil seria manter a integridade delas — os vândalos quebram tudo, inclusive duchas e banheiros.

A Sociedade pró-Parque foi criada por pessoas dispostas a ajudar na preservação do parque, mas não vai muito além do campo das boas intenções. Adesões à sociedade podem ser feitas no anexo B da administração, de frente para a Torre de TV.



Estudantes do Colégio Valparaíso conhecem o parque: visitantes se queixam da falta de informações sobre a flora